

Editor — Germano Alves.  
Redactor — Abílio Domingues.  
Administrador — José A. Alves.

\*\*\*

Redacção e administração —  
Rua do Progresso, n.º 5 — Castro-  
Laboreiro — Melgaço.

Propriedade da empresa A Neve.

# A NEVE

Director — Abílio Alves Carabel.

Composto e impresso na tipografia do  
«Jornal de Melgaço»

Assinaturas — Ano 3\$50;  
semestre 1\$80; trimestre \$90. Col-  
ónias portuguesas 4\$50. Países  
da União Postal (moeda portugue-  
za) 6\$00. — Número avulso \$10.

Publicações — Linha, corpo  
do jornal: \$10. Anúncios e recla-  
mes, contrato especial.

Pagamento adiantado.

## Semanário independente:-- Por Castro-Laboreiro

### CASTRO-LABOREIRO

É uma das dezóito freguesias que compõe o concelho de Melgaço, situada a sudoeste da vila de Melgaço, sede do concelho do mesmo nome e distante desta vila uns 20 quilómetros.

Está encravada entre serras, ramificações da serra da Peneda, umas completamente nuas e escarpadas, outras cobertas de árvores raquíticas e enfesadas, como uizes, carvalhos... e outras finalmente revestidas das mesmas árvores mais vigorosas e mais frondosas.

Esta freguesia é limitada em quasi todo o seu perimetro por raia seca que a separa ao norte das freguesias espanholas de Padrenda e Monte Redondo e outros logarejos da mesma nacionalidade, entre os quais Gorgoa e Mozi-Quegoas e outros pertencentes ao partido judicial de Bandede; ao sul das paróquias de Pereira e Ilha, e ao poente das freguesias portuguesas de Gavieira, pertencente ao concelho dos Arcos e Lamas de Mouro, antiga Lágrimas do Mouro pertencente ao concelho de Melgaço.

O nome Lágrimas do Mouro foi devido às lágrimas e do choro que um mouro ali proprietário derramou quando foi expulso das terras portuguesas sob pena de abandono das suas crenças.

Abandonou a sua terra, as suas propriedades, chorou, mas permaneceu firme à sua crença. E tão amargas sentidas foram as suas mas e tão solenes os gritos sua despedida que deram o nome àquela localidade — Lágrimas do Mouro, depois rompido em Lamas do Mouro.

O solo da freguesia de Castro-Laboreiro é formado por terra (humus) muito misturada com detritos de granito (areia) em tanta quantidade que formam uma terra arável, áspera e arenosa.

O mesmo sólo é sulcado por muitos e pequenos ribeiros que formam a bacia fluvial do regato de Castro-Laboreiro, o qual, tendo a sua origem um pouco ao norte do lugar mais septentrional da freguesia — o Rodeiro — atravessa esta de norte ao sul em todo o seu comprimento (20 quilómetros), indo lançar as suas frias águas no rio Lindoso; depois de ter percorrido no seu percurso o regato da Peneda com origem na encosta de Tieiras, comum às freguesias de Castro-Laboreiro e Gavieira.

Todos estes regatos são povoados de saborosas trutas que cortam as águas com a velocidade do relâmpago, trutas mais pequenas, mais pretas e de outros regatos de terras mais quentes, mais sa-borosas principalmente a cosinheira não misturada com condimentos e outros requin-

do suino pa-sunto que deve ser tratado por pena que caustique com energia e torne mais evidente a loucura d'esses homens que pretendem ser os directores da sociedade portuguesa e voltamos ao nosso assunto.

Nestes últimos tempos o espirito destruidor tem-se servido de processos de pesca, ilícitos, ilegais e bárbaros com que tem destruído este delicioso peixe rareando hoje muito em todos aquelles regatos. Tais processos de pescar são proibidos por lei; mas as leis, em Portugal, existem somente no papel, resultando a sua efficácia nula e de nenhum efeito. Ou as autoridades públicas não têm força para as executar, ou se têm essa força não a põem em acção, desprestigiando-se e desprestigiando a Lei, pervertendo-se a ordem social e tornando-se nulas.

Este descalabro social não se dá somente neste assunto.

Quasi todos os ministros que ascendem os degraus de poder publicam uma lei, derogam outra e remendam outra.

A mania de legislar é tão contagiosa que os próprios ministros da ridícula monarchia couceirista do Porto começaram a legistar aos quatro ventos sem dó nem piedade pela lógica e bom senso.

O caricato diário vinha repleto de leis, verdadeiros abor-

tos de avariados cérebros. Loucos e insensatos cérebros expeliam veneno por todos os seus poros gangrenados e asquerosos.

Deixemos, porém, este assunto que deve ser tratado por pena que caustique com energia e torne mais evidente a loucura d'esses homens que pretendem ser os directores da sociedade portuguesa e voltamos ao nosso assunto.

Os processos empregados para a destruição das trutas são muitos e os regatos estão já quasi despovoados, existindo já muito poucos exemplares. É triste e lamentável porque a generosidade dos castrejos ainda algumas vezes fazia chegar até nós algumas daquelas trutas que nós saboreavamos com voraz appetite.

Tem o regato de Castro-Laboreiro algumas quedas de água que não são aproveitadas para indústria de qualidade alguma. A água deste regato somente tem a utilidade de servir como motor dos antigos moinhos.

Nos grandes e intensos frios do inverno a água nas grandes quedas solidifica-se formando brilhantes e deslumbrantes cristais, dispostos em graciosos e caprichosos desenhos. O abandono da irrigação dos terrenos, devido ao não te rales dos portugueses, à pouca harmonia entre os habitantes, aos poucos meios de que podem dispor e a emigração temporária dos braços válidos são outras tantas causas que aumentam a infertilidade daquelle sólo, já em si pobre.

Mundo.

(Continua)

## RECORDANDO...

um um um

## Momentos tristes

Os trabalhadores voltam do campo com as enxadas ao ombro, procurando em vão o descanso que não encontram porque embora viesse a noite, vão encontrar em casa, uns os seus filhos, outros seus irmãos, seus pais ou outras pessoas de família postradas na cama pela doença epidémica, que sem consideração alguma roubava aos filhos os carinhos de seus pais, a este os dos filhos, e até, deixando famílias inteiras sem uma única pessoa que vele durante a sua doença e que lhe preste os seus cuidados.

A lua, caritativa, surge por entre os pinheiros, prometendo rasgar o negro veu da noite e parecendo contristar-se com a horrorosa situação em que a Providência nos lançou.

Ao lado daquela casinha branca, escondida entre a ramagem, na orla de um pinhal fica uma capela, cujas paredes antiquíssimas, lhe dão um aspecto sombrio como é devido ao templo onde mora a Humildade. Os reflexos do luar fazem sobresai-la do panorama que se desenrola perante nós como para nos dizer:

!Morreu-vos alguém que vos era querido? !Estais tristes? !Estais angustiados com o receio que a morte vos tome em seus braços?

!Não vos lastimeis!

!Vedes aquela capelinha que sobresai acolá na encosta e que o tempo tornou tão sombria?

!Era ali onde já os nossos avós iam buscar a consolação, o bálsamo para os seus sofrimentos! !Era ali onde iam buscar fé e coragem para os seus grandes feitos e para encarar sem receio uma vida tão cheia de tropeços!

!Não vos lastimeis!

## PÁTRIA NOVA!

*!Tudo mudado agora!... Uma scenografia inteltramente nova a pátria nos of'rece: e pouco a pouco, emfim, de nós desaparece tudo o que nos foi grato, ou tem p'ra nós magia.*

*Inváde-nos o seio atroz melancolia  
aa vêr que assim se muda, ao vêr que assim fenece  
o rubro sol da fé, que as almas nos aquece;  
dos ecos do passado essa ancestral poesia.*

*E vive a gente assim, bem como em extranha terra,  
sem quâsi conhecer o solo em que nasceu,  
qual devastado campo após o horror da guerra.*

*!O' símbolos da infância, ó ido tempo meu!  
!Que gôso d'alma, ó pátria, o palco teu encerra,  
tendo mudado assim todo o scenário teu?!*

Do livro «Vozes do Passado» de

A. A. de Lima-Duque.

!Ide, como os vossos antepassados, ajoelhai nos humildos degraus do Altar e rogai a Deus que vos conceda coragem e resignação para afrontar sem receio essa vida tão cheia de baixios! !Ide e não vos envergonheis, pois, como vos digo, as suas portas desde séculos que se abrem a todos, nobres ou plebeus, ricos ou pobres, que, sem distincção, lá teêm ido implorar a protecção do grande Mestre que a todos consola e anima!

Eu que nesta ocasião voltava para casa, vindo da farmácia onde fora buscar uns remédios para meu pai e meus três irmãos, que se achavam doentes, soube que aquela que possuía o meu coração, e entes queridos fizeram reviver a quem eu dedicava o mais ardente amor tinha com a doença, que a tinha prostado na cama, havia dias.

!Como a tristeza se apoderou de mim!

!Como eu, cheio de fé, ao passar pela porta da dita capelinha ajoelhei e com as mãos alçadas, encostadas ao

peito, orei, pedindo, ao Altíssimo a protecção não só para a mão fatal do Destino ferira tão cruelmente no Amor e na Família mas também para esse Ente que estremecia e adoro e para essa família, que eram os meus e que eu muito respeito e estimo.

!Era já tarde! Entrei em casa, aonde os queixumes e gemidos dos doentes de espaço a espaço ecoam tão lugubremente aos meus ouvidos.

Pela noite fóra foi-me impossível conciliar o sono, remansando apenas perto da madrugada alguns instantes. Voltou o dia e umas melhoras embora pequenas nos doentes, a Esperança num peito que anciava ardentemente pelo seu restabelecimento.

Lélio.

!Quereis aquecer?

Tomai o afamado calçado - Calçada-Melgaço.

## A Juventude

Se a juventude é a alegria do dia que termina, é também a esperança do dia que começa.

Ela é hoje menos respeitosa que dantes, mas é agora mais laboriosa e activa.

Os jovens vão hoje mais sujeitos a graves perigos, já pelas más companhias, já pelos livros obscenos que lhes metem nas mãos, insultando a fé, falseando a verdade e escarnecendo da pureza.

A sociedade está completamente corrompida e falta-lhe o pão do espirito a religião.

A religião e a sciência não podem subsistir separadamente uma sem a outra.

Caros jovens, mas a lição do passado vós mostrará o caminho do futuro; vós que sois o sol que desposita, a rosa que desabrocha, o guia do viandante neste mar tempestuoso da vida presente, trabalhá pelo engrandecimento da vossa Pátria muito amada, na regeneração dos costumes, na prática das boas obras, no progresso das sciências e no desenvolvimento das artes e industriais.

E' um velho já trémulo que põe nas vossas mãos ainda mimosas, este velho Portugal que é de todos nós; levantai-o, fazei que seja forte e respeitado como outr'ora e mostrai que nos vossos corações ainda gira sangue daquêles heróis de 1640.

Fôrças,

## AVISO

!Não publicamos nada neste semanário sem conhecermos o autor que deve assinar o seu nome e apelido em seguida ao pseudónimo que adoptar.

Nós também sabemos guardar segredo.

# “Invisíveis,”

Meu caro Alvaro A. da Sousa.

Quando nos encontramos pela primeira vez juramos uma eterna amizade. Foi em Viana, naquela linda cidade situada na foz do rio Lima, onde nós nos encontramos, frequentando a mesma escola, embora em classes diferentes.

Desde o primeiro dia, que nos demos bem e selamos a nossa amizade com aquela célebre taina na pastelaria Gonçalves. Desde então a nossa vida foi quasi por completo conhecida por ambos.

Os nossos corações estavam livres nessa ocasião!

Eramos então ambos felizes! Hoje quem sabe! A mim a felicidade continuou a acompanhar, mas a ti?

Serás tu ainda, assim alegre e folgazão?

Duvido-o. O teu silêncio alguma coisa quer dizer.

Atribuo-o eu, a desgostos, que não queres tornar conhecidos dos teus velhos companheiros. Sendo assim, como és egoísta!

Não sofríamos juntos os

desgostos que tantas vezes empanaram a nossa alegria?

Não nos ajudávamos mutuamente a esquecer e esconder as nossas máguas. Mas tu, ingrato, tudo esqueceste.

Acaso te dedicaste de alma e coração a alguém indigna de tal? Não poderás esquecer alguma paixão antiga que se apoderasse de ti!

Qualquer destes pensamentos se apodera de mim.

Sinto-me triste com o teu silêncio pois, tenho a certeza que é a prova dos teus sofrimentos. Mas crê, um dia virá em que a felicidade também te sorria.

De mim que dizer-te mais?

Sinto-me bem. Posso dizer: A felicidade sempre me sorriu e me acompanhou de maneira a poder dizer:

Sou feliz! Oxalá que tu um dia me possas escrever dizendo o mesmo. Peço me desculpes o sofrimento, que te cause ao fazer-te lembrar épocas em que talvez já não penses. A lembrança da alegria causa alegria. Mil abraços do

Teu amigo,

Fief.

Cavernas do Cafernaüm, 16-12-20.

## Novo colaborador

Desde hoje que temos o prazer de ter como nosso colaborador um conterrâneo distinto e que se interessa pelo progresso da terra que lhe serviu de berço.

Assina-se *Manôlo* e principia com a descrição da sua terra natal, desta sua amada freguesia.

## “A Neve,”

Não se publicou este semanário no dia 30, devido a doença do tipógrafo e à grande aglomeração de serviços urgentes na tipografia.

Desta falta pedimos desculpa aos nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes.

A Direcção.

## Anedota

\*\*\*

Na escola:

—A terra é plana?

—Não, senhor.

—Porquê?

—Porque, quando meu pai vem de madrugada para casa, vem sempre aos tropeções.

—Continuai.

—E agora perdoai-me a ousadia; não poderíeis vós ajudar-me também nesta empreza?

—Meu bom P.<sup>o</sup> Bento, o vosso plano já foi exposto por mim à pobre Helena. Porém recusou aceitá-lo.

—Que dizeis?!

—E' verdade. Não é o orgulho a causa de tal recusa, mas sim a dignidade de seu coração magnânimo, que quer beber todo o cálice da dor, sem que ninguém partilhe do seu horrível fel!

—Não vos affija isso, dr. Saberei convertê-la.

—Pois sede feliz. Quando tencionais lá ir?

—Logo que possa.

—Apresentai-lhe os meus

## A' ESPANHOLA

Fábrica de chocolates movida à força hidraulica, fundada 1908 e reconstruida em 1919. Chocolates fabricados pelos últimos sistemas adoptados em Madrid e Barcelona: cacau, caraca, açúcar, canela, baunilha e uma pequena quantidade de manteiga de vaca.

Viuva de Domingos António Alves & Filhos. — Castro-Laboreiro.

Depositário em Melgaço — Francisco Augusto Igrejas — Alfaiataria Félix.

## Chocolate à espanhola

Já se encontra à venda na «Loja Nova» do Esteves, esta excelente marca, exclusivo desta casa.

Desconto aos revendedores.

## CACHORROS

Precisa-se comprar 3 cachorros da verdadeira raça de Castro-Laboreiro. Quem os tiver dirija-se a esta redacção.

Quereis engordarem pouco tempo? Tomai todos os dias chocolate da afamada fábrica «Caravelos», de Castro-Laboreiro.

respeitos e dizei-lhe que deixe estancar as lágrimas.

— Sim, dr.

— Que Deus vos ajude.

— Amen. Adeus.

— Adeus.

O dr. Brito possuía tres filhos — Alvaro, Maria e Abel. Alvaro tinha nesse tempo completado com distincção o seu curso de medicina na cidade do Porto.

Era de faces vivas, quemadas, de um olhar ardente, de um coração decidido, valente e de uma alma grandiosa como a de seu pai.

Abel era de mais instintos. Tinha uns olhos pequenos, desconfiados e o semblante quasi sempre carregado.

(Continúa).

## FOLHETIM

N.º 7

## Martírios da vida

ROMANCE

por

P.<sup>o</sup> Silvino de Sousa

III

«Orã, sem ninguém no mundo, e para mais gentil e com o meu arrasoado), desformosa, sem meios e rodeada de cinco creanças, está sujeita a qualquer artil da vida, porque, quando o sofrimento toca as raías do desespero, a virtude, ainda a mais heróica, se desconcerta, como dizia Victor Hugo, o grande poeta francez, o grande cantor e o inspirado poeta do futuro.

— P.<sup>o</sup> Bento; o vosso coração sempre bem modelado pelos ensinamentos do Evangelho é altamente nobre e eu curvo-me respeitoso ante tanta dignidade de homem e sacerdote. Continuai e desculpai interromper-vos.

— São palavras que não mereço, mas aceito-as, porque nascem duma alma sincera. Ora eu, (continuando java em certo modo atenuar a dôr daquela casa, dando men- salmente alguma quantia, fi- lha das minhas economias, porque, como sabeis, sou pobre, ainda a mais heróica, bre.

— Sois pobre, interrompeu o dr., porque muitos pobres há nesta freguesia.

— Não; sou pobre, porque nunca fui rico.

ção sempre bem modelado pelos ensinamentos do Evangelho é altamente nobre e eu curvo-me respeitoso ante tanta dignidade de homem e sacerdote. Continuai e desculpai interromper-vos.

— São palavras que não mereço, mas aceito-as, porque nascem duma alma sincera. Ora eu, (continuando

java em certo modo atenuar a dôr daquela casa, dando men- salmente alguma quantia, filha das minhas economias, porque, como sabeis, sou pobre, ainda a mais heróica, bre.

— Sois pobre, interrompeu o dr., porque muitos pobres há nesta freguesia.

— Não; sou pobre, porque nunca fui rico.

# Viuva de Domingos A. Alves & Filhos

Estabelecimento de fazendas, ferragens e miudezas  
Praça da República, 3, 4 e 5--Castro-Laboreiro--Melgaço

Neste conceituado estabelecimento encontra-se à venda pelos mais reduzidos preços, um grande e variado sortido de fazendas para fatos, em lindos padrões: um grande sortido de calçado da última moda a preços sem competência; ferragens de fabricação esmeradíssima e o mais completo sortimento de miudezas.

Não compreis nada sem primeiro visitar este estabelecimento, pois é o que vende mais barato, atendendo a que compra directamente ás fábricas.

## António Bento Domingues Cordas

Estabelecimento de fazendas, mercearia, calçado, ferragens e miudezas  
CASTRO-LABOREIRO — MELGAÇO

Este estabelecimento vende tudo que há, das melhores marcas, tanto artigos nacionais como das melhores fábricas estrangeiras.

Quem desejar fazer boas compras, visite este antigo estabelecimento, pois poderá comparar os preços e qualidades.

Preços sem competência.

VENDAS A DINHEIRO

## Selos para coleções Capotes à

Faço permutas de selos postais por quantidades ou base Ivert et Tellier. Tanto permito selos nacionais por estrangeiros, como estes por nacionais.

Herculano Pinheiro.  
MELGAÇO

Alentejana  
Fazenda para Capotes à Alentejana e bons forros para os mesmos, tem o estabelecimento de Viuva de Domingos A. Alves & Filhos.

Praça da República, 3, 4 e 5—Castro-Laboreiro.

## Novo estabelecimento

— de —

José Augusto Domingues  
CORREDOURA — PRADO — MELGAÇO

Neste novo estabelecimento encontram-se à venda por módicos preços, o mais variado sortido de fazendas para inverno: cotins, flanelas, riscados, grande variedades em Montanhaques de fabricação portuguesa; ferragens de toda a espécie; mercearia em grande escala; miudezas e outros artigos, assim como o afamado Sal de Setubal.

Recomendamos também a todos os alfaiates e costureiras as belas máquinas secretárias, que se encontram à venda neste conceituado estabelecimento. Vendas a Dinheiro.

Vêr para crêr.

Esta farinha é um precioso alimento, pela sua acção tónica, reconstituinte, do mais reconhecido proveito para as pessoas enfraquecidas, de constituição fraca, e em geral, que em qualquer tempo um adequado alimento reparador, de fácil digestão, utilíssimo para passados de estorvo, febre ou catarros, já em convalescência de doenças agudas ou crónicas.

Esta farinha é analisada e certificada.

Pedro F. Azeiteiro & C.

Direcção geral.

AVIA DE HELEM, 147 - LISBOA

Farmacia Pimenta Ferradinhos

da Farmacêutica Fialdo

